

REFLEXÕES SOBRE O PROFESSOR-TUTOR COMO MEDIADOR ENTRE ALUNOS E CONHECIMENTOS NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

REFLECTIONS ON THE TEACHER-TUTOR AS A MEDIATOR BETWEEN STUDENTS AND KNOWLEDGE IN DISTANCE EDUCATION

Bruno de Paiva e Souza (UNASP – brunosociologia@yahoo.com)

Resumo:

Com o aparecimento de novas tecnologias e seu uso na educação à distância (EAD), se evidencia a necessidade da participação do professor-tutor como mediador, a fim de que a EAD alcance seu propósito de formação e transformação do educando. O presente artigo verifica a relevância da mediação pedagógica na EAD e identifica as características principais que o educador precisa desenvolver para que o seu trabalho seja eficiente, eficaz e gratificante. A autoaprendizagem é potencializada por questões metodológicas e ferramentas adequadas, requerendo-se ainda o elemento humano como facilitador desse processo. Tal mediação oferece os incentivos e provoca reflexões, privilegiando as descobertas de respostas pelos próprios alunos, individual e coletivamente. Na interaprendizagem as trocas permitem ao aluno aprender com outros colegas, próximos ou distantes fisicamente. Isto enriquece em grande medida a construção de saberes, consciências e atitudes. A partir da revisão bibliográfica empreendida, defendemos a criação de um ambiente colaborativo, que proporcione a autoaprendizagem e a interaprendizagem, e que objetive uma educação plena, reflexiva e para a autonomia, incentivando a criticidade e a criatividade de todos os sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Tutoria, Mediação Pedagógica, Autoaprendizagem, Interaprendizagem, Educação à Distância.

Abstract:

With new technology and their usage in distance education (EAD), the participation of the teacher-tutor as a mediator is evident, so EAD reaches its purpose of formation and transformation of the student. This article verifies the importance of pedagogical mediation in EAD and identifies the main features the educator needs to develop to make the work as efficient, effective and gratifying as possible. Self-learning is potentialized by methodological issues and adequate tools, but still requiring the human element as a process facilitator. Such mediation offers incentives and provokes reflections, bringing upon discoveries by the students themselves, individually and collectively. In inter-learning, sharing allows the student to learn with their peers, physically near or far. It greatly enriches the construction of knowledge, consciousness and attitude. From the bibliography, we defend the creation of a collective environment that brings self-learning and inter-learning to aim for full education, reflexive towards autonomy, giving incentive to criticality for everyone involved.

Keywords: Tutoring, pedagogical mediation, self-learning, inter-learning, distance education.

1. INTRODUÇÃO.

Entendemos a Educação à Distância (EAD) com a perspectiva da inclusão, sendo a ação do professor mediador um dos elementos importantes nesse processo. O presente trabalho considera o docente formador e inclui o chamado tutor on-line, buscando tratar da função desses sujeitos na mediação entre os alunos e os conhecimentos e na necessária construção de um âmbito de aprendizagem coletiva, para que a EAD alcance seu propósito inclusivo e transformador.

O professor-tutor deve interiorizar esse propósito, empenhando-se por estabelecer uma relação de empatia e cooperação mútua entre todos os educandos. Souza et. al. (2004) apresentam a EAD como uma forma mais participativa dos alunos e a figura do tutor como um mediador, motivador e orientador das atividades, o qual deve proporcionar as condições para o aprendizado de todos.

Um dos grandes desafios da EAD está justamente na relação entre professor e aluno, sendo necessário apreender melhor o ensino-aprendizagem e sua mediação e repensar continuamente o modo, a motivação e a finalidade do processo educacional (ALONSO, 2005).

Após apresentar os contextos e evoluções da EAD e discorrer acerca das práticas educativa e mediada, Preti (1996) sinaliza que dessa modalidade educacional se exige tanto a organização de apoio institucional quanto a mediação pedagógica, sem o que não se garantem as condições necessárias ao ato educativo efetivo. Ou seja, o elemento mediador é indispensável.

Assim, chegou-se ao nosso problema: Qual a relevância da mediação pedagógica no contexto da EAD e quais são as características que o educador precisa apresentar para que cumpra bem sua função?

Nosso trabalho adotou como metodologia a revisão bibliográfica, tratando de investigar o papel do mediador e levantar alguns traços do perfil esperado para o professor de acompanhamento ou tutor à distância, segundo autores da área, com a motivação de gerar algumas contribuições que sirvam a novas pesquisas nesta temática, bem como ajudar nas soluções de problemas relacionados à prática tutorial-mediadora.

Buscando identificar o perfil desejável do professor-tutor, encontramos ideias interessantes: ele deve possuir afetividade, compreender bem suas responsabilidades, estar comprometido com o processo educacional transformador e com sua formação e transformação continuada, ter domínio do conteúdo e dos recursos, ter postura colaborativa e saber lidar com os educandos em sua diversidade, entre outras características que são abordadas a seguir.

Com o atual crescimento da oferta de cursos na modalidade EAD e reconhecendo que há distinções entre esta e a educação presencial, novas práticas pedagógicas têm emergido, como discorre a autora Nicolodi (2013), a qual referencia como uma necessidade desenvolver estudos que repensem o papel do professor na EAD ao longo dos processos de ensino-aprendizagem.

Este despertamento serviu como motivação para a presente pesquisa, a qual se justifica dada a importância do professor no acompanhamento e apoio à formação (e transformação) dos educandos.

2. DESENVOLVIMENTO.

A mediação pedagógica é notavelmente uma das atribuições de educadores em geral e, sem dúvida, uma prática importantíssima para a efetiva aprendizagem na EAD. Conforme nos apresenta Ferreira *apud* Mello e Soares (2013), o mediador tem ação de incentivar, animar e motivar os alunos a um estudo significativo, onde estes atuam pesquisando, participando de discussões, explorando sem restrições o conteúdo e aprofundando-o, articulando teoria e prática.

O mediador acompanha o processo, estimulando a autonomia e a aprendizagem colaborativa, com trocas de conhecimentos e experiências, ou seja, ele é um orientador ou facilitador educacional. Assim, acontece uma atuação coletiva, onde os envolvidos (discentes e docentes) interagem em prol da educação de qualidade.

No ponto de vista de Souza et al., citados por Mello e Soares, a EAD aparece como: “um processo composto por duas mediações: a mediação humana e a mediação tecnológica, imbricadas uma na outra” (MELLO; SOARES, 2013, p. 99).

A primeira mediação se dá pelo sistema de tutoria, enquanto a segunda vem para servir à primeira, e acontece pelo sistema de comunicação, que viabiliza a mediação pedagógica. O avanço de recursos de comunicação síncrona e assíncrona, cada vez mais ágeis, integrados e portáteis, por conseguinte, potencializa essas mediações.

Essas autoras caracterizam o aluno da EAD como alguém que toma decisões sobre seu processo formativo, com autonomia e independência. Este perfil exige do estudante uma atitude sistemática em busca do aprendizado.

Dando cobertura à sua autonomia surge o mediador que, sendo chamado normalmente de tutor, é mais um orientador que instiga pensamentos, sugere outros caminhos e propicia gradativamente a interação entre alunos, conteúdos, professor e práticas.

Ele é um profissional que leva os educandos a repensarem conceitos e a colocarem em ação sua criatividade, de maneira que novas e significativas ideias nasçam desse trabalho em conjunto (MELLO; SOARES, 2013).

Abrir-se ao novo e ao criativo é uma necessidade humana e se reflete logicamente no processo educacional. O homem vem sempre se adaptando às mudanças do meio e produzindo outras.

“Quando um paradigma perde sua capacidade explicativa sobre a dinâmica do mundo e da sociedade em que se situa, um novo paradigma se anuncia” (NICOLODI, 2013, p. 53). O novo paradigma educacional há de valorizar a subjetividade das pessoas, suas diferenças e a diversidade social, permitindo novos olhares e reflexões acerca dos contextos e dos conceitos.

A educação proposta procura desenvolver a autonomia, com a prática autoral criativa e crítica, levando os sujeitos a se posicionarem, participarem ativamente e se comprometerem em produzir as transformações que desejam ver acontecer no ambiente em que vivem. Nessa ótica, os conceitos assumem um novo significado, uma nova dimensão e maior profundidade.

Para Moraes *apud* Nicolodi (2013), o modelo educacional emergente considera novas estratégias e metodologias que funcionem para atender necessidades do mundo e resolver problemas, trabalhando de forma inter e transdisciplinar, adotando uma comunicação significativa, abrindo-se ao diálogo e à flexibilização de processos e de conteúdos, apoiando-se na interação entre professores e alunos, que constroem um saber relacional e colaborativo. Estes são alguns desafios da mediação pedagógica em termos de concretização.

Uma mediação pedagógica correta eleva a qualidade da interação entre os sujeitos, provocando reflexão e autorreflexão, com tomada de consciência e conversações transformadoras. Para isto, o docente facilitador tem que apresentar uma postura aberta, acompanhar cada educando ao longo do seu caminho e transformar-se juntamente com ele.

O professor deve adotar a aprendizagem transformadora como lógica de sua prática docente, compreendendo que ele próprio há de se dispor a se transformar, para que possa incentivar seus educandos a uma transformação (NICOLODI, 2013).

Nicolodi (2013) cita também Okada e Okada, autores que afirmam que o aprendizado por meio da intermediação pedagógica múltipla é potencializado pela intervenção do docente e dos discentes, que compartilham materiais, vivências, sugestões e opiniões, num contexto em que todos aprendem com todos e todos são coautores da produção coletiva dos conhecimentos.

Esta aprendizagem que é produto das diversas relações interpessoais é denominada por Masetto de “interaprendizagem” (in Moran, Masetto e Behrens, 2012) e oportuniza considerar pontos de vistas, valores éticos, políticos e sociais advindos de diferentes contextos, na análise dos fenômenos estudados.

Assim sendo, o aluno deve se posicionar (com criatividade e criticidade) e contribuir com suas ideias para que seja bem-sucedido na EAD, pois seu aproveitamento depende da sua disciplina, motivação e expectativa, e não apenas do uso dos conteúdos e dos recursos tecnológicos disponíveis, como destacam Pallof e Pratt (*apud* NICOLODI, 2013). Seu protagonismo enquanto educando implica na responsabilidade que a ele é confiada.

Chamam a atenção Moran, Masetto e Behrens (2012) para a influência tecnológica nos dias atuais na educação, quer à distância, quer presencial. Fazer bom uso da tecnologia é requisito para um processo educacional eficiente/eficaz.

Para os autores, técnicas mediadoras podem ser adotadas para o processo de desenvolvimento das pessoas, desde que essas técnicas estejam sob uma perspectiva de aprendizagem com foco no educando, em uma proposta cooperativa e facilitadora da aprendizagem, inclusive com a avaliação sendo incentivadora do crescimento dos alunos e não mera repetição de conteúdos que lhes foram transmitidos.

Em concordância com Alonso (2005), vemos que a EAD é um processo que exige inovação, reflexão, mediação pedagógica e interação dos diversos sujeitos que dela fazem parte, não bastando um novo aparato de recursos, se as concepções e a forma de pensamento forem tradicionais. A tecnologia, portanto, não produz os saberes. Serve-os. São os sujeitos que produzem os saberes e a própria tecnologia.

Aprender e ensinar são conceitos que podem ser definidos da seguinte forma: aprender é questionar, problematizar, discutir, duvidar, refletir e trocar informações de maneira colaborativa.

Ensinar é propor, orientar e animar a discussão comunitária, onde todos contribuem e recebem, ou seja, onde todos aprendem. É o que explica Azevedo, citado por Nicolodi (2013).

Destacamos que o aprender vem antes do ensinar, pois só ensina aquele que aprende. O ensinar, portanto, exigirá um aprender contínuo. E a educação acontece de fato quando todos participam, crescem e obtêm êxito. Não é uma competição, mas uma colaboração e uma cooperação que produzirá o aprendizado de qualidade.

Sendo a aprendizagem resultante do viver e conviver dos indivíduos, ela pode ser considerada um fenômeno de transformação: modificações ocorrem por meio dessas interações e vivências sociais.

A aprendizagem é, portanto, um caminho feito durante o caminhar (MORAES, 2003). Não é algo pronto, é algo em construção, onde as escolhas e as ações dos indivíduos (e do ambiente) são determinantes. Não é um trilho rígido, mas um caminho que se abre ao novo.

“Viver é um processo contínuo de aprendizagem que se dá em interação com o meio. A aprendizagem ocorre quando há mudança de comportamento, e quando faz sentido para o indivíduo e se relaciona com seu contexto” (NICOLODI, 2013, p. 60). No viver (e no conhecer) cada ação tem inter-relação e ocasiona mudanças na pessoa e no meio onde está.

Assim, a proposta da EAD é criar um meio favorável à construção do conhecimento, e o papel do professor mediador é ser e fazer: ser um facilitador, fazer uma mediação empática, e, assim, criar circunstâncias propícias à reflexão e ao fazer dos alunos.

As autoras Moraes (2003) e Nicolodi (2013) explicam que é necessária muita atenção para criar ambientes de aprendizagem saudáveis – intelectual e emocionalmente, considerando o contexto dos alunos, permitindo que haja alegria, cooperação e prazer em aprender.

Para isso, o ritmo de cada aluno no processo de aprendizagem deve ser respeitado, com a abertura de novas situações, espaços e tempos para florescimento da intuição e da criatividade dos diversos educandos.

No caso de nosso trabalho, como o nome sugere, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) precisam ser elaborados visando uma aprendizagem o mais global possível, pensando-se sempre em favorecer a experiência de sentir, pensar, agir e interagir dos sujeitos.

Isso vai além de um acréscimo cognitivo, pois propõe mudanças comportamentais, valoriza a subjetividade, considera a história e experiência passada cumulativamente com a experiência presente, proporcionando novas e múltiplas descobertas.

Isto somente ocorre se houver a formação intencional de um âmbito de trocas e aprendizagens, onde são criados espaços de reflexão e expressão de pensamentos, aspirações, revisão de conceitos e ressignificação de experiências.

De acordo com Maturana *apud* Nicolodi (2013), o professor é quem orienta os educandos e possui como responsabilidade estimular a criação desse espaço de convivência e aceitação recíproca.

Como ressalta Nicolodi, a aprendizagem, no contexto da EAD, também “estimula um processo colaborativo e construtivista” e é “determinada pela relação entre o conhecimento pré-existente, o contexto no qual o sujeito está inserido e a solução de problemas”. Desse modo, os sujeitos não recebem a informação apenas, eles trabalham sobre ela por meio da

problematização, exploração e reflexão, “oportunizando o desenvolvimento, a comparação e a compreensão de perspectivas múltiplas” (NICOLODI, 2013, p. 61).

Teles citado por Nicolodi (2013), alerta que a sala de aula on-line não é naturalmente colaborativa, como se pode pensar. A mediação pedagógica é indispensável nessa perspectiva teórica, propiciando condições para que todos os participantes interajam na construção e reflexão uns dos outros, ficando a centralidade do ensino-aprendizagem no estudante e não mais no professor, como apregoava o modelo tradicional. Um “ambiente colaborativo precisa ser assumido pela proposta do curso e pelo professor, resultando na ação participativa do estudante” (NICOLODI, 2013, p. 65).

O papel do professor nesta conjuntura é o de ser um provocador, no melhor sentido da palavra. Ele encoraja a participação de todos, levanta questões, articula as diversas contribuições entre si e chama os educandos a uma atuação cada vez mais ativa e efetiva, criando um sentimento de pertencimento, de atenção e de empatia que seguramente resultará em melhores e mais significativos aprendizados.

Vários são os aspectos que, segundo Masetto (in Moran, Masetto e Behrens, 2012), não podem ser desprezados quando se busca uma melhor aprendizagem: uso apropriado dos recursos e tecnologias existentes, acompanhamento contínuo e motivador ao educando, possibilidade de interações à distância, avaliação do processo e dos resultados, valorização dos relacionamentos professor-aluno e aluno-aluno. Desconsiderar alguns desses aspectos denota um descompromisso com a aprendizagem plena e pode afetar negativamente a esperada formação humana e cidadã.

Logo, a boa formação pedagógica e tecnológica – e, por que não dizer, uma formação humanística – dos professores-tutores é um elemento importantíssimo para o êxito no processo educacional, pois eles são mediadores entre alunos e conhecimentos e, em muitos casos, os sujeitos que mais interagem com os educandos. A prática tutorial bem sucedida, nessa interpretação, colabora para o despertar do protagonismo dos alunos e influencia diretamente o sucesso destes.

Ainda nessa concepção, ganham importância as propostas flexíveis, adaptáveis e dialógicas. Destacamos, assim, dois investimentos que julgamos extremamente compensadores: em formação docente e em currículos flexíveis.

Apesar de mediação ser tratada muitas vezes de forma singular, o autor Mattar *apud* Nicolodi (2013) aponta categorias de interação que ampliam nossa compreensão. Mattar fala dessas interações que se complementam mutuamente, a saber: aluno/professor; aluno/conteúdo; aluno/aluno; professor/professor; professor/conteúdo; conteúdo/conteúdo; aluno/interface; autointeração (reflexão sobre si mesmo e seu aprendizado); e a chamada interação vicária. Essa última acontece quando o aluno observa e processa a interação dos colegas, ou destes com o professor, e realiza seu próprio aprendizado.

Gutierrez e Prieto (1994) defendem que a mediação pedagógica tem elevada importância no sistema de ensino-aprendizagem. Nos sistemas de educação à distância, ela acontece por meio de materiais colocados à disposição dos alunos, os quais devem ser tratados para que não se ofereça apenas a informação, mas a informação pedagogicamente mediada.

Esses autores explicam que tal mediação advém de uma concepção contrária àquela que vê o ensino como transferência, e definem mediação pedagógica como: “tratamento de

conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade” (GUTIERREZ; PRIETO, 1994, p. 62).

A mediação há de estar presente no tratamento com base no tema, na aprendizagem, na forma, enfim, se faz necessária ao longo de todo processo educacional e, distintamente, na EAD.

Bortoni-Ricardo *apud* Fernandes e Sousa Filho (2015), esclarece que a noção de mediação pedagógica trabalha com pistas de contextualização e com o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), apresentada por Vygotsky como um “espaço entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial do aprendiz” (FERNANDES; SOUSA FILHO, 2015, p. 56).

A mediação, então, estimula e ajuda o educando em seu processo de desenvolvimento. Em contrapartida, conforme análise de uma intervenção descrita nessa obra, a mediação é entendida como uma oportunidade de ouvir (aos outros e a si mesmo), auxiliando na autoavaliação do educador e em seu aprimoramento enquanto profissional docente.

Segundo Vygotsky *apud* Fontana (2005), a mencionada ZDP é a distância entre esses dois níveis de desenvolvimento: o real “se costuma determinar através da solução independente de problemas”; ao passo que o potencial seria “determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”.

Aplicando essa abordagem teórica, na experiência narrada pela autora, a mediação docente vem trabalhar a ZDP, compartilhando com os aprendizes aquilo que, considerado o seu grau de desenvolvimento, ainda não conseguiriam realizar sozinhos. (FONTANA, 2005, p. 78).

Vemos então a mediação como um acompanhamento que auxilia e desperta os educandos, mas que não toma o lugar deles. Ou seja, a influência da professora na mediação não padroniza as elaborações dos alunos, mas aproveita ao máximo as ideias deles próprios.

Nessas interlocuções, como aponta Orlandi, com quem dialoga Fontana (2005), há movimento, modulações, e o sentido intervalar. “Não está em um interlocutor, não está no outro: está no espaço discursivo (intervalo) criado (construído) pelos/nos dois interlocutores” (ORLANDI *apud* FONTANA, 2005, p. 79).

A obra de Souza (2004) incentiva a ação do educador de forma a seduzir o aluno pela busca do conhecimento. Nesse aspecto, conclama o professor/tutor a estar presente de modo afirmativo, mesmo no contexto de EAD. O autor defende que esta presença deve ser bastante marcante, a ponto de suprir as faltas do educando. Trazer esse encantamento e prazer ao aprender exige comprometimento, ética e amor à missão de facilitador do saber.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Com o avanço do desenvolvimento de tecnologias utilizadas na educação, sobretudo considerando-se a modalidade à distância, percebemos a necessidade de se pensar e repensar a mediação pedagógica.

O uso de variados recursos tecnológicos, embora importante, não é suficiente para motivar os alunos, sem que haja o desenvolvimento de um processo de aprendizagem que se mostre valioso e significativo para o educando, incluindo as relações interpessoais de professor e alunos e destes entre si.

Vemos que para a autoaprendizagem, tão presente nos discursos educacionais contemporâneos, além de questões metodológicas e ferramentas adequadas, ainda se faz indispensável o elemento humano, atuando como facilitador desse processo.

A oportunidade de acesso às informações e as novas formas de expressão ajudam na tomada de consciência de que se pode – e se deve – contribuir na construção dos conhecimentos e na solução dos problemas diversos. Essa conscientização crescente é parte vital do que chamamos de autonomia do educando.

Mediar, nesse contexto, não é ditar os caminhos, mas oferecer incentivos e reflexões que favoreçam as descobertas de respostas pelo(s) aluno(s), no nível individual e, principalmente, coletivamente.

A chamada interaprendizagem, em que as trocas permitem ao aluno aprender com os outros – em suas realidades e seus conhecimentos diferentes – enriquece em muito a construção de consciências e de saberes.

Enfim, a mediação pedagógica ora apresentada visa facilitar que o educando se torne sujeito de seus pensamentos e de suas ações, o protagonista de seu desenvolvimento – não somente cognitivo, mas considerado de modo contínuo e pleno.

Nosso breve trabalho se constitui em uma reflexão neste sentido e busca auxiliar na compreensão do papel do professor e do tutor à distância na mediação pedagógica e no acompanhamento dos educandos, interagindo e intervindo para que situações de aprendizagem sejam criadas e trabalhadas: colaborativa e criticamente.

Revisões e aprimoramentos são necessidades continuadas para isto, que vem concorde ao paradigma de educação defendido pelos autores de referência escolhidos – paradigma que acreditamos ser o que melhor atenda às necessidades humanas e sociais de nosso tempo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALONSO, K. M. **A Avaliação e a Avaliação na educação a Distância**: algumas notas para reflexão. In: PRETI, Oresti (Org.). Educação a Distância: Sobre discursos e práticas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005, pp. 153-169.

BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.)... [et. al.]. **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

FERNANDES, E. M. F.; SOUSA FILHO, S. M. **Leitura: Ações de Mediação Pedagógica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FONTANA, R. A. C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GUTIERREZ, F.; PRIETO, D. **A mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

MELLO, R. M. A. V.; SOARES, L. A. **Intercessões entre papel, atribuição, mediação e prática pedagógica dos tutores presenciais na formação continuada de professores a distância**. Curitiba, PR: CRV, 2013.

MORAES, M. C. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

NICOLODI, S. C. F. **Práticas e processos de mediação pedagógica em EaD**. Curitiba, PR: CRV, 2013.

PRETI, O. **Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada**. In: _____ (Org.). **Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 1996, pp. 15-56.

SOUZA, C. A. *et. al.* Tutoria como espaço de interação em educação à distância. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 4, num. 13, setembro-dezembro. Campinas, SP: PUC, 2004, pp. 1-11.

SOUZA, M. G. **A Arte da Sedução Pedagógica na Tutoria em Educação a Distância**. Brasília, DF: MEC/SEED, 2004.